

Enchente, acontecimento e signo¹

Tiago SEGABINAZZI²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

Este ensaio é composto de observação empírica pessoal, expressa na forma de relato em segunda pessoa, sobre o histórico de enchentes que atinge o Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul. Refletimos sobre o surgimento de eventos extremos em meio a uma aparente regularidade: como um acontecimento inaugura algo de inédito e como pode se confundir com apenas mais uma ocorrência do já conhecido. A partir de discussões semióticas e de teorias acontecimentais, pretendemos questionar epistemologicamente um tema discutido por Ciro Marcondes Filho: o caráter comunicacional de uma catástrofe.

PALAVRAS-CHAVE: enchentes; Vale do Taquari; semiótica; acontecimento; comunicação.

Introdução ao inédito

O que “irrompeu à superfície lisa da história”³ em maio de 2024 no Rio Grande do Sul?

Poucos meses antes, em setembro de 2023, o Vale do Taquari fora atingido por uma das maiores enchentes já registradas nesta região do interior gaúcho. A concentração anormal de um alto volume de chuva nas cabeceiras⁴ fez o rio Taquari se elevar com velocidade durante a madrugada do dia 04 para o dia 05. Seu nível atingiu 29,62 metros entre os municípios de Lajeado e Estrela. O normal ali são 13 metros. O alargamento do leito e a violência das águas devastaram dezenas de cidades próximas às margens. Algumas delas, como Roca Sales e Muçum, foram destruídas quase em sua totalidade. Nesta catástrofe atribuída a um ciclone extratropical⁵, milhares de pessoas perderam suas casas e seus pertences, 54 morreram e quatro ainda estão desaparecidas⁶. Desde setembro de 2023. Estes registros de destruição fizeram com que o evento fosse

¹ Trabalho apresentado no GP Semióticas da Comunicação), XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, e-mail: tiagosegab@gmail.com

³ “É acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais” (Rodrigues, 1993, p. 27).

⁴ Os locais de nascentes em que a água de lugares mais altos desemboca no rio Taquari.

⁵ Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/v%C3%ADdeo-mu%C3%A7um-e-roca-sales-seis-meses-ap%C3%B3s-a-trag%C3%A9dia-1.1479878>. Acesso em 16 jun. 2024.

⁶ Em junho de 2024. Disponível em: <https://www.defesacivil.rs.gov.br/apos-identificacao-de-mais-uma-vitima-chega-a-54-o-numero-de-mortos-nas-enchentes-no-vale-do-taquari>. Acesso em 16 jun. 2024.

considerado, à época, o maior (em termos de perdas materiais) desastre natural da história do Estado⁷.

Entretanto, esse acontecimento histórico, ainda que raro, não teve caráter exatamente inédito: por um lado porque as enchentes no Vale do Taquari são rotineiras⁸ e por outro porque um espectro ronda o imaginário dos gaúchos – o espectro da enchente de 1941. Naquele tempo, o rio Taquari atingiu o nível mais alto desde que se tem registro – 29,92 metros entre Lajeado e Estrela – e, muito além do interior, as consequências catastróficas se tornaram também um marco na região metropolitana de Porto Alegre. Mais de vinte dias de chuva em quase todo Estado⁹ provocaram aumento constante dos leitos dos rios e escoamento lento das águas: teriam sido essas as condições de possibilidade daquele acontecimento. Teria sido uma situação atípica.

Além de signos, esse evento inaugurou na sociedade alguns hábitos de motivação pragmática, como a adoção de observações empíricas e a criação de instrumentos rudimentares com vistas a algum conhecimento sobre o clima, sobre seus sinais e seu comportamento provável. Com registros regulares das precipitações, com o interesse coletivo pelos números e uma certa “vontade de hierarquia” – gramática comum na imprensa e desejada pelo público –, os eventos associados ao acaso cego “naturalmente” passaram a disputar o título de qual seria “o maior de todos”. Assim, a enchente de 1941 se tornou uma *referência*, algo a ser lembrado em momentos difíceis e capaz de promover alguma união; ao contrário do mês de setembro do ano anterior, época de campanha para as eleições de 2022, em setembro de 2023, havia um consenso sobre a cheia: “essa ainda não foi maior que a de quarenta e um”.

Um acontecimento terá seu lugar na história de forma semelhante àquela coisa vivaz na vitrine que nos tira do estado de indiferença com que olhamos o que aparece na janela de um ônibus em movimento: podemos nos inclinar e apertar a bochecha contra o vidro para tentar ver mais, mas a luz resplandece e turva um pouco esta superfície e também a da vitrine; conforme aquele objeto fica para trás, diminui também a possibilidade física de captação de nossos olhos àquela visão fugidia restará somente uma imagem, mantida e reconstruída em memória – o depósito das coisas com que não temos mais contato imediato mas que um dia estimularam nossa percepção.

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/09/06/com-21-mortes-ultima-passagem-de-ciclone-extratropical-supera-a-maior-tragedia-natural-do-estado.ghtml>. Acesso em 28 jun. 2024.

⁸ Desde que se tem notícia, o Vale do Taquari é atingido por até três enchentes por ano.

⁹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/chuva-em-porto-alegre-como-foi-a-historica-enchente-de-1941/>. Acesso em 28 jun. 2024.

De diversas formas, ao longo do tempo “a enchente de quarenta e um” se tornou um signo: 1) como a lembrança de um evento raro; 2) como uma história contada, recontada, repassada; 3) como um recorde e uma medida de comparação; 4) como sinônimo das dificuldades que épocas anteriores passaram; 5) como demonstração do sublime, aleatório e improvável que é o *natural*, algo que pode ocorrer sempre e a qualquer momento, mas também; 6) como uma narrativa mítica de um tempo que teria ficado para trás.

A antinomia entre os pontos 5 e 6 sugere que, enquanto sociedade, escolhemos um lado. A imagem da enchente de 1941 ficou menos marcada como o que *pode acontecer* do que como o que *aconteceu*. Não é isto *pode*, mas isto *foi*, como Barthes (1984) havia dito da fotografia. E esta imagem se tornou para nós uma fotografia em preto e branco, dessas que, imersos em nosso presente de cores estimulantes e em alta definição, enxergamos uma época distante, na qual as pessoas parecem muito diferentes do que somos ou do que nos tornamos; aquelas pessoas e suas poses estranhas, sisudas, reforçam a ideia de que viveram uma época mais difícil, de uma dureza e de uma seriedade que não admitiam descontração, nem mesmo naquele instantâneo a ser capturado para a posteridade; com alguma reflexão podemos nos dar conta que era o obturador daquelas câmeras arcaicas que exigia um objeto paralisado para poder gravá-lo instantaneamente; mesmo que aquelas pessoas não pudessem se mexer apenas naquele momento, este instante estático define o *status* de toda uma época, pois é isso que ficou registrado. Nossa época valoriza o movimento contínuo, que motiva o desenvolvimento de tecnologias variadas, como aquelas capazes de capturar nosso desejo de movimento. Nos movimentamos porque queremos e porque podemos. Ou queremos porque podemos?¹⁰ Não queremos nos ver paralisados e por isso nos registramos em movimento. Em negativo, nossa época de movimento não se vê como paralisada caso chegue a relampejar “o momento do perigo”¹¹: porque agora, tecnicamente, podemos. Acreditamos na permissividade da técnica e a interpretamos como se fosse nossa própria potência, enquanto ignoramos o que realmente está em potência: aquilo que *pode acontecer*.

¹⁰ Para Galimberti (2023), na Idade da técnica, não faz mais sentido a sentença de Maquiavel “os fins justificam os meios”: não por uma questão de moralidade, mas porque os fins não justificam mais os meios, os meios é que justificam os fins. De instrumentos para conseguir algo, se tornaram o próprio algo.

¹¹ “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento do perigo” (Benjamin, 2012, p. 243).

Modernizada, a sociedade se sente no controle: ao nos cercarmos de tecnologias, meios sem fins, cada vez mais eliminamos o imprevisível que a natureza representa. Mas afastar a natureza e nos afastarmos da natureza cria – por nostalgia, por tendência – um desejo de reconexão com o todo, que agora é finalmente possível; a segurança proporcionada pela acumulação capitalista permite pausar nossa ação frenética *no* mundo para nos abrimos *ao* mundo: um ambiente tecnicamente modificado com o qual nos sentimos realmente conectados, em segurança e em harmonia, como se estivéssemos em um útero de acrílico.

Uma precipitação que não encontra fronteiras é o espalhamento de dispositivos eletrônicos; o conseqüente desenvolvimento de estruturas sociotécnicas que possibilitam seu uso e a produção de signos que eles condicionam é a onda que aos poucos atinge todas as topografias, mesmo as de áreas mais isoladas. Comemoramos essa onda como um sinal da modernidade: ela tardia, nós atrasados.

Nos últimos anos, o Vale do Taquari vem tentando se mostrar ao mundo moderno para que o mundo moderno chegue até ele. Há cada vez mais pontos de destino no *Google Maps* e páginas no *Instagram* para mostrar o potencial no que é chamado de “turismo de natureza”: cascatas, morros, campings e paisagens naturais vêm recebendo o acoplamento de estruturas para receber visitantes – como mirantes, bares, casas para alugar. Nos municípios da região há entusiasmo com o movimento que vem no embalo da construção do Cristo Protetor, que, entre outras coisas, é festejado por ser maior que a estátua do Rio de Janeiro que lhe serviu de cópia¹². Do sucesso desta obra, surgiram outros projetos com temática religiosa e metas de grandeza, como: “o maior monumento à Bíblia do mundo”, em Estrela¹³, um “rosário com 800m de comprimento”, em Muçum¹⁴, um “gaúcho gigante” em Arroio do Meio¹⁵ e uma estátua em Anta Gorda que não sabe ainda se será outro Cristo ou em homenagem à Nossa Senhora de Lourdes, mas que será “maior que o Cristo de Encantado”¹⁶.

¹² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/turismo/2022/11/cristo-maior-que-o-redentor-ja-recebeu-mais-de-100-mil-visitantes-no-rio-grande-do-sul.shtml>. Acesso em 28 jun. 2024.

¹³ Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2022/10/26/maior-monumento-a-biblia-do-mundo-sera-construido-em-estrela/>. Acesso em 28 jun. 2028.

¹⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/06/01/fotos-rosario-com-800-metros-de-comprimento-sera-construido-no-rs.ghtml>. Acesso em 28 jun. 2024.

¹⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/blog/reporter-farroupilha/post/2023/04/13/complexo-turistico-preve-estatua-gigante-de-gaucha-em-arroio-do-meio.ghtml>. Acesso em 28 jun. 2024.

¹⁶ Disponível em: <https://independente.com.br/apos-sucesso-do-cristo-de-encantado-anta-gorda-busca-avaliar-monumento-de-nossa-senhora-de-lourdes/>. Acesso em 28 jun. 2024.

Há um ditado na região, geralmente dito quando se olha para algum empreendimento recém-inaugurado: “muito bonito, mas não sei se está tudo pago”. Neste caso, poderíamos nos concentrar só na segunda parte da frase e adaptar para: “não sei se está tudo liberado”. Pela legislação. Nem nas manchetes nem no texto completo das notícias sobre os projetos de construção aparecem menções às inadequações ao licenciamento ambiental ou à resistência de moradores locais¹⁷. As prefeituras têm mostrado perseverança e ignorado os obstáculos ao progresso para se concentrar no que consideram o crescimento do Vale, um “orgulho para o interior”, que encontra motivos até nas filiais do Carrefour, do McDonalds e da Havan – construída em área de preservação permanente em Lajeado, às margens do rio Taquari. “O meio ambiente é o câncer do país”, afirmou o dono desta rede de lojas, Luciano Hang¹⁸.

Devido ao espaço reduzido, esta descrição do estado de coisas será acelerada e desenvolvida no artigo completo. Voltando ao tema de marcos históricos e hierarquia entre eventos inéditos, em 2024 estudos mostravam que a enchente de setembro de 2023 teria sido maior que a de 1941. Teria sido a maior da história. Havia dados para sustentar e controvérsias que mantinham discussões e dúvidas neste ranking. Era o final do mês de abril e chovia há dias em todo o Rio Grande do Sul. Surgiram alertas sobre uma nova enchente, apenas sete meses depois daquela que poderia ter sido a maior da história – ou não. No Vale do Taquari, cada previsão de cheia costuma ser regulada pela experiência coletiva, geralmente diminuindo as expectativas por supostamente conhecer como se comporta o clima e as águas. O sentimento predominante, dessa vez, era de mais receio do que confiança com o que aconteceria. Manchetes afirmavam que o rio poderia subir ainda mais do que em setembro. “Mas então vai ser maior que a de quarenta e um”. “Mas se for assim, não vai sobrar nada”. “Será possível?”. “Mas vai subir quanto a mais?”.

Quatro metros a mais. No dia 02 de maio de 2024, o rio Taquari atingiu 33,35 metros de altura¹⁹, conforme as previsões apontaram. Ninguém se importava se a conta não estava exata em relação aos 29,62m: foram “quatro metros a mais”. E ponto. Uma definição precisa para um objeto ainda dinâmico. Eis o inédito. Eis uma nova referência.

¹⁷ Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2023/06/10/abaixo-assinado-quer-impedir-a-supressao-da-mata-no-morro-gaucho/>. Acesso em 28 jun. 2024.

¹⁸ Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/reportagem-matinal/havan-desrespeito-meio-ambiente/>. Acesso em 28 jun. 2024.

¹⁹ Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2024/05/18/a-maior-enchente-da-historia/>. Acesso em 28 jun. 2024.

Um acontecimento natural, fruto do acaso, é comunicacional?

Acontecimento, intenção e comunicação

Na perspectiva de Ciro Marcondes Filho (2019, p. 5), não:

A meu ver, não fazem parte da comunicação acidentes ou impactos naturais que caem sobre nós, como catástrofes, terremotos, tsunamis, ou mesmo mortes naturais de pessoas próximas, porque não foram agenciados por atores humanos, são coisas que simplesmente provocam em nós mudanças, mas não no sentido de haver esse agente instigador da comunicação – que eu acho imprescindível no caso.

O texto continuará com a discussão de três categorias de acontecimento – evento natural, mobilização consequente, sua tentativa de definição – a partir de Henn (2010) e Žizek (2017).

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- ECO, U. **A estrutura ausente**: introdução à pesquisa semiológica. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- HENN, R. O acontecimento em sua dimensão semiótica. In: BENETTI, M; FONSECA, V. P. F. (Org). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.
- GALIMBERTI, U. **L’etica del viandante**. Milão: Feltrinelli, 2023.
- MARCONDES FILHO, Ciro. A questão da comunicação. **Paulus** - Revista de Comunicação da Fapcom. São Paulo, v. 3, n. 5, jan./jul. 2019 (p. 17-26). Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/87/81>. Acesso em 28 jun. 2024.
- RODRIGUES, A. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.), **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias” (p. 27-33). Lisboa: Veja, 1999.
- ZIZEK, S. **Acontecimento**: uma viagem filosófica através de um conceito. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.